

Uma verdade inconveniente

A atividade agropecuária gera 0,8% das emissões globais de gases de efeito estufa de origem antropogênica



Alexandre Berndt

Chefe de Pesquisa & Desenvolvimento da Embrapa Pecuária Sudeste, em São Carlos, SP, desde 2014. Possui graduação em Ciências Biológicas pela Universidade de São Paulo e em Engenharia Agrônoma pela Esalq/USP. É mestre em Ciência Animal e Pastagens pela Esalq/USP) e doutor em Ecologia de Agroecossistemas pela USP.

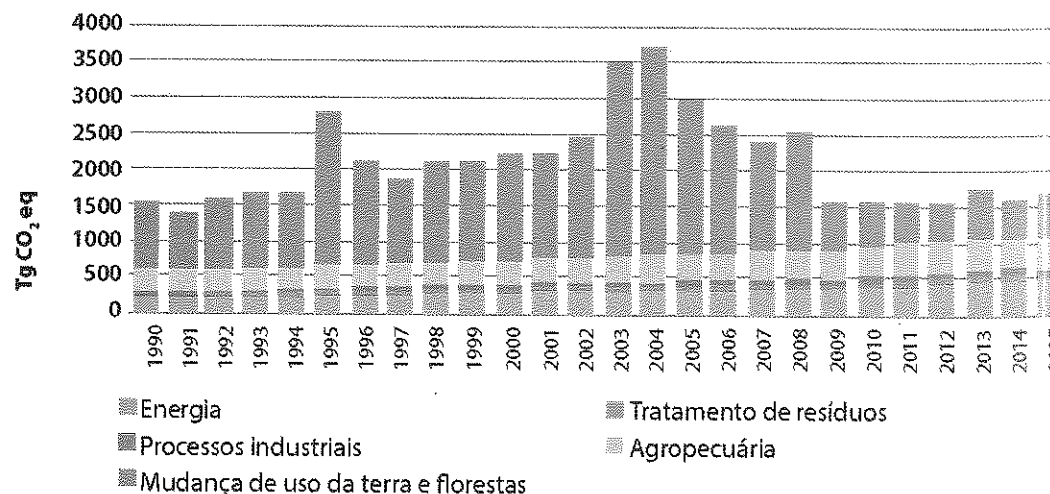
É fato que a cadeia de produção de carne periodicamente passa por novos desafios. A preocupação com o conforto e o bem-estar animal, com a sustentabilidade, a rentabilidade da atividade, a carência de mão de obra, falta de sucessão, entre outros, tem sido cada vez mais debatida e considerada pelo setor. Há uma busca constante nos esforços para conciliar as expectativas dos produtores com as expectativas da sociedade, que nem sempre são opostas. Um animal produzido em condições de bem-estar poderá expressar todo seu potencial genético e trazer resultado econômico ao produtor, numa clara relação de ganha-ganha. Nas últimas décadas, a busca por eficiência nos sistemas de produção resultou em sistemas bastante tecnificados e de manejo intenso. Essa intensificação é que gerou um olhar atento e diferenciado da sociedade, principalmente em relação ao bem-estar dos animais confinados em gaiolas ou baias muito pequenas, sem ventilação adequada, sem acesso às áreas externas, sem poder expressar o seu comportamento animal natural na plenitude. A eficiência e a intensificação trouxeram também uma queda no preço dos produtos de origem animal como carnes, leite e derivados, hoje muito mais acessíveis a uma grande faixa da população. Até que ponto então a economia de escala pode avançar sem prejudicar o bem-estar dos animais domésticos?

Em uma reunião recente da sociedade europeia de produção animal houve um debate inte-

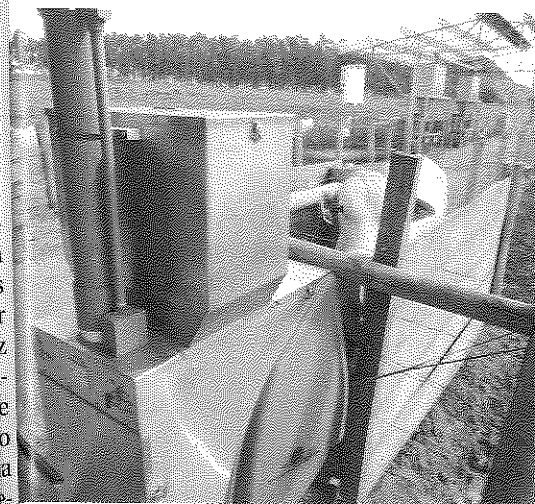
ressante com relação à indústria do ovo. A sociedade europeia, em geral, defende um recuo na intensificação, criticando e questionando práticas de produção como a debicagem de galinhas, por exemplo. A indústria internacional do ovo já fez as contas e estimou que, se a debicagem for abolida, os animais desperdiçarão 15% a mais de ração e isso terá um reflexo de 10% no preço do ovo. Então a Comunidade Europeia vai ter à disposição um ovo cujo animal não sofreu a debicagem com preço 10% maior, enquanto outros mercados, como a China, por exemplo, que não se relaciona com a indústria internacional do ovo, não pagará esse acréscimo, por não sustentar a debicagem.

Desafio global – Países muito populosos, com insegurança alimentar e escassez de abastecimento para todos, estão mais preocupados em reduzir as perdas do que em aumentar a eficiência. Aumentar a perda de 15% para 10% não sendo inaceitável aumentar em 15% a perda. Ao contrário, querem reduzir essa perda ao mínimo e, consequentemente, o preço. Para a sociedade chinesa, deixar de fazer a debicagem não é uma opção. Esse exemplo retrata bem como diverso é o mundo global de produtos de origem animal e o tamanho do desafio dos países produtores para atender às diferentes demandas. O Brasil, com sua extensão territorial e a sua diversidade de sistemas de produção, pode produzir alimento para os mais diferentes

Estimativas anuais de emissões de gases de efeito estufa no Brasil



Fontes: Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC), Secretaria de Políticas e Programas de Pesquisa e Desenvolvimento (SEPPE) e Coordenação-Geral do Clima (CGCL) - 4ª edição/2014



Animal submetido ao Green Feed (à esq.), equipamento capaz de medir a emissão de gás metano para a atmosfera. Acima, gado na sombra, proposta de bem-estar em área de produção integrada.

ados, inclusive mercados de nicho como o de carne de Baixo Carbono, por exemplo.

O impacto da pecuária sobre os gases de efeito estufa e, conseqüentemente, sobre a mudança climática, é um assunto que vem sendo debatido há mais de 10 anos no mundo inteiro. Em todos os anos acontece uma reunião importante que se chama Conferência das Partes das Nações Unidas, que é uma conferência para discutir as mudanças climáticas e as ações que cada país pode fazer para sua contribuição, reduzir as emissões de gases de efeito estufa e tentar manter o patamar de aquecimento global entre 1 e 1,5 grau. Em 2018, essa reunião aconteceu na cidade de Katowice, na região da Silésia, na Polônia, na primeira quinzena de dezembro. Lá, circularam notícias, principalmente pelas mídias sociais na internet, de que uma das melhores opções para se combater o aquecimento global seria deixar de comer carne e abolir completamente a produção animal. O Brasil, por ser um país muito grande, com uma importante contribuição nas exportações de carne globais, e ter rebanhos muito populosos em várias espécies animais como frangos, suínos e bovinos, entrou novamente na pauta e foi foco das atenções.

Em sociedades modernas e respeitadas há direitos e deveres para todos os cidadãos. As diferenças entre as pessoas, como por exemplo, os diferentes comportamentos alimentares, terão espaço para se expressar. Os que não desejarem comer carne não comerão, enquanto que aqueles que desejarem comer não deixarão de comer. Numa sociedade é importante que os diferentes pensamentos coexistam em harmonia. A partir do momento em que os ideais de uns tentam ser impostos a outros, haverá um embate que provavelmente não chegará a uma conclusão de consenso, mas cada um vai continuar querendo fazer aquilo que acredita e existem bons argumentos de ambos os lados para defender os seus pontos de vista.

Vamos argumentar: um dos relatórios divulgados pelo IPCC da Polônia indicava os principais países emis-

sores de gases de efeito estufa (GEE): China (26,6%), EUA (13,1%), Índia (7,1%), Rússia (4,6%), Japão (2,9%) e Brasil (2,4%). O Brasil publica relatórios periódicos sobre suas emissões e oferece os dados de forma transparente e aberta no site: <http://sirene.mcti.gov.br/web/guest/emissoes-em-co2-e-por-setor>. Os resultados da Terceira Comunicação oficial do Brasil para a UNFCCC, ou seja, o terceiro inventário nacional de emissões cujo ano de referência é 2010, indicam que a agropecuária brasileira foi responsável por 32% das emissões nacionais do Brasil. Então, grosso modo, um terço das emissões brasileiras foi decorrente da atividade agropecuária, o que corresponde a aproximadamente 0,8% de todas as emissões globais de gases de efeito estufa de origem antrópica.

À mesa, como convém – Será que deixar de comer carne realmente é uma estratégia eficiente para combater o aquecimento global e a emissão de gases de efeito estufa? Se a agropecuária brasileira é a grande vilã do aquecimento global, se deixarmos de ter produção agropecuária, nós vamos economizar 0,8% das emissões de gases de efeito estufa do mundo. Se isso vai ter algum efeito, o leitor pode tirar sua própria conclusão. É importante destacar, nessa discussão global sobre o consumo ou não de carne, que, para a nutrição de qualquer pessoa, de qualquer sociedade, não basta simplesmente fornecer nutrientes essenciais para a sobrevivência daquele indivíduo ou população. A nutrição, a dieta de cada sociedade, de cada pessoa, é muito dependente e influenciada pela cultura daquele povo. Não se pode subestimar a influência da cultura sobre os hábitos alimentares daquela sociedade, daquele povo, daquela pessoa. Especialmente nos períodos de festas, todos querem confraternizar com seus entes queridos e familiares, oferecer o que há de melhor em termos de uma refeição digna para celebrar datas como o Natal e o réveillon. À mesa da maioria dos povos é servida uma ave, um peixe, um pernil ou uma carne bovina e isso faz parte da celebração e da confraternização entre as pessoas.